

monotonia que pareciam inesgotáveis, revelando sempre e apenas o troço que se encontrava imediatamente à frente. Era bem possível que eu a qualquer momento me esbarrasse. A noção do perigo fundia-se com uma quase agradável sensação de antecipação, como se algum constrangimento ou obstáculo estivesse prestes a ser finalmente arrancado, alguma barreira rompida, no outro lado da qual se achava a libertação. Alguém acabara de me enviar uma mensagem de texto. «Por favor tem cuidado», dizia a mensagem. Quando cheguei a casa de Lawrence, desliguei o motor com mãos trémulas e fiquei sentada na escuridão e no silêncio do caminho empedrado, olhando para as janelas de onde saía uma claridade dourada.

Passado um bocado, Lawrence veio cá fora. O seu rosto pálido assomou, indagador, à janela do carro. A habitação era uma casa de campo comprida e baixa, com paredes grossas de tijolo marcadas pelo tempo, e rodeada de um jardim murado. Mesmo no escuro e no meio do nevoeiro, era evidente que estava tudo muito bem tratado e impecável. A luz da lanterna por cima da porta de entrada emitia um brilhante feixe de luz. A gravilha tinha sido passada com o ancinho e os arbustos e as sebes tinham sido aparados em formas suaves. Lawrence tinha um cigarro na mão. Saí do carro e aguardámos até que ele o acabasse.

— A Eloise detesta que eu fume — esclareceu-me ele. — Diz que faz com que ela sinta que a nossa vida está em crise. Se é crise — atirou a ponta do cigarro para os arbustos escondidos pela escuridão —, então ela é permanente.

Lawrence perdera peso. Estava vestido com roupas caras e o seu aspeto era mais polido e cuidado do que tinha no passado. Irradiava uma forte vitalidade, quase de excitação. Apesar do seu desmentido de crise, em pé à entrada da sua casa

de campo, assemelhava-se um tanto a um ator numa peça de teatro da vida burguesa. Havia outros convivas além de mim, informou-me ele antes de entrarmos: uma amiga de Eloise, de Londres, e também uma amiga comum de ambos, que vivia ali perto. Tinham-se conhecido através dessa amiga que era uma frequentadora assídua da casa.

— Tentamos manter as libações — disse Lawrence, com um sorriso que mais parecia uma careta.

Abriu a grande e nodosa porta da frente e passámos através de um vestíbulo escuro até outra porta debruada de luz, para lá da qual nos chegavam sons de música e de conversa. Dava para uma sala grande de teto baixo que era iluminada por tantas velas que por instantes me deu a impressão de estar a arder. Era muito quente e mobilada com móveis e objetos decorativos que eu não reconhecia da anterior existência de Lawrence: sofás modernos e cuboides; uma grande mesa para café em vidro e aço; um tapete feito de pele de animal. Pendurada nas paredes havia uma quantidade de quadros modernos que não me eram familiares. Perguntei-me como é que Lawrence tinha arranjado tudo aquilo tão rapidamente, como se fosse o cenário de um palco. Eloise e duas outras mulheres estavam sentadas em sofás baixos, à volta da mesa do café, bebendo champanhe. No lado de lá da sala encontravam-se algumas crianças, umas sentadas e outras deitadas em grupo no chão, jogando um jogo. Encontrava-se ao lado delas uma rapariga mais velha, sentada numa cadeira. Tinha um surpreendente cabelo ruivo, liso, que lhe tombava como um véu até à cintura e um vestido vermelho sem mangas, muito curto, que deixava à mostra toda a extensão das suas pernas nuas, longas e brancas. Tinha calçado uns sapatos vermelhos de tiras com uns saltos pontiagudos, tão altos que lhe devia ser difícil dar mais do que dois ou três passos.

Eloise ergueu-se para me cumprimentar. As outras duas mulheres deixaram-se ficar nos seus lugares. Eloise estava elegantemente vestida e a cara cuidadosamente maquilhada; as suas duas amigas também usavam vestidos e saltos altos. Mais pareciam estar à espera de sair para irem a alguma festa grandiosa do que para passarem ali a noite naquela zona do campo, sombria e envolta em nevoeiro. Era um desperdício não haver quem as admirasse. Eloise aproximou-se e inspecionou com os dedos as minhas roupas, dizendo com uma interjeição de impaciência:

— Sempre tão vestida de escuro — comentou. O seu perfume chegou até mim. Ela própria tinha um vestido macio em tricô, feito com um fio de cor creme. Aproximou-se ainda mais, observando atentamente o meu rosto. Passou a ponta dos dedos pela minha cara e depois afastou-se para os examinar. — Estava só a pensar para comigo o que é que tu usarias na pele — disse ela. — Estás muito pálida. Isto — tornou a tocar nas minhas roupas — rouba-te a cor.

Apresentou-me às duas mulheres, que não se levantaram, mas estenderam os seus braços nus das profundezas do sofá para me darem um aperto de mão com os seus dedos de unhas envernizadas. Uma delas era uma mulher morena, muito esguia, com uma boca carnuda e pintada e um rosto estreito e ossudo. Tinha um vestido justo estampado a imitar pele de leopardo e uma pesada gargantilha de ouro à volta do seu pescoço vigoroso. A outra tinha cabelo louro e sedoso e um tipo de austera beleza nórdica, acentuada pelo vestido justo e branco em que estava comprimida. As crianças começavam a ficar irrequietas lá no seu canto e, passado um bocado, uma rapariguinha com um par de asas de arame e musselina presas às costas abandonou o grupo e veio colocar-se ao pé de nós.

A mulher loura disse-lhe qualquer coisa numa língua estrangeira e a miúda replicou em tom petulante. Depois começou a trepar pelas costas do sofá, atitude que a mulher fez de conta que não via, até que a rapariguinha se pôs por detrás dela, atirando-se-lhe para cima, com os braços fortemente apertados em volta do pescoço do seu pescoço.

— Ella! — exclamou a mulher, sobressaltada. Tentou desprender-se, mas sem sucesso. — Ella, o que estás a fazer?

A criança riu-se estridentemente, escarranchou-se nas costas da mulher com a boca aberta e a cabeça atirada para trás. Eu conseguia ver os seus dentinhos brancos nas gengivas rosadas. Em seguida trepou para cima do ombro da mulher e, ainda pendurada ao pescoço dela, atirou-se pesadamente para o seu colo, ao mesmo tempo que se contorcia e esperneava descontroladamente. Apercebi-me de que a mulher ou estava relutante ou incapaz de controlar a situação, e ficara portanto numa posição em que não tinha alternativa senão fingir que não se estava a passar nada.

— Veio a conduzir de Londres até aqui? — perguntou-me, com dificuldade, enquanto a criança se contorcia no seu colo.

Era difícil tomar parte na sua dissimulação, já que a criança tinha os braços tão fortemente apertados à volta do pescoço da mãe que estava visivelmente a sufocá-la. Por sorte, Lawrence ia a passar naquele momento e, despreendendo facilmente a miúda, com asas e tudo, do colo da mulher, pegou prazenteiramente naquele corpo que subitamente ficara inerte e dócil, e levou-o de novo para o outro lado da sala. A mulher levou a mão ao pescoço, onde era ainda visível uma série de marcas vermelhas, e ficou a observá-lo.

— O Lawrence tem tanto jeito para lidar com a Ella — comentou. Falou brandamente, quase com indiferença, mais

como se tivesse apenas observado a cena que acabara de ocorrer do que participado nela. Detetava-se na sua maneira de pronunciar as palavras um quase impercetível sotaque. — Ela reconhece a sua autoridade sem ter medo dele.

O nome dela era Birgid. Contou-me que ao longo do último ano se tornara uma estudiosa atenta do comportamento e da personalidade de Lawrence, desde que ele se juntara com Eloise. Eloise era uma das suas amigas mais antigas; tinha querido certificar-se, disse ela, de que Lawrence era suficientemente bom para a amiga. Ao princípio, ele refreara o seu escrutínio e a maneira como ela objetava ao que ele dizia e fazia mas, por fim, as suas relações tornaram-se amistosas e acontecia com frequência ficarem os dois a conversar depois de Eloise ir para a cama. Eloise estava muitas vezes cansada, acrescentou Birgid, pois o seu filho mais pequeno tinha dificuldade em dormir e acordava várias vezes durante a noite; o mais velho, entretanto, esforçava-se por singrar na escola. A própria Eloise não tinha energia para contradizer Lawrence — que gostava de levar a sua avante — por isso Birgid fazia-o por ela.

— Já vi isso acontecer antes com Eloise — comentou Birgid. — Os homens gostam dela porque dá a impressão de independência, apesar de, na realidade, ser absolutamente submissa. Atrai tiranos — acrescentou, franzindo o seu narizinho. — O último marido era um autêntico estupor.

Birgid tinha uns olhos extraordinariamente longos e estreitos, de uma cor verde-pálida quase sobrenatural. O cabelo também era muito claro — quase branco — e à luz das velas a sua pele possuía a uniformidade e firmeza do mármore. Perguntei-lhe de onde ela era e respondeu que tinha nascido e sido educada na Suécia, mas que vivia neste país desde os

dezoito anos. Viera para cá a fim de estudar na universidade e conheceu o marido — um colega — no primeiro período. Tinham casado durante as férias e regressado, para grande espanto dos outros colegas, marido e mulher. Jonathan não pudera vir nesta noite, acrescentou. Tinha demasiado trabalho e também pensou que seria bom para ela e para a Ella fazerem a viagem juntas. Decidira não vir a conduzir porque nunca o tinha feito sozinha com Ella. Preferiu virem de comboio.

— Foi por isso que lhe perguntei se você tinha vindo a conduzir — disse ela. — Eu teria medo de o fazer.

Respondi que tinha toda a razão em receá-lo e ouviu-me com uma calma inalterável, abanando a cabeça.

— Quando temos medo de alguma coisa — comentou —, é sinal de que é algo que devemos fazer.

Ela própria vivera sempre de acordo com esta filosofia, acrescentou, mas desde o nascimento da Ella tinha constatado repetidamente que não a pusera em prática. Jonathan e ela tinham esperado muito tempo para terem um filho: no dia em que fazia quarenta anos descobrira que estava grávida. Podia dizer-se que esperámos até ao último momento possível. Não era biologicamente impossível, evidentemente, ter um segundo filho — tinha agora quarenta e quatro anos — mas não desejava nada que isso acontecesse. Já fora suficientemente difícil conciliar a Ella com as suas vidas, depois de durante mais de duas décadas serem apenas eles os dois. Já não eram espontâneos como tinham sido aos dezoito anos. Introduzir um novo elemento em algo que já está estabelecido é extremamente difícil. Não quero dizer com isso que o Jonathan e eu fôssemos rígidos na nossa maneira de ver as coisas, acrescentou. Mas éramos muito felizes como estávamos.

Estendeu o braço para pegar na taça de champanhe e bebeu lentamente um gole. Por detrás dela, via o nevoeiro lívido

através das janelas. Fiquei surpreendida ao saber a idade dela; tinha depreendido que era pelo menos dez anos mais nova, embora o seu ar de juventude não proviesse de uma atitude enérgica de autopreservação ativa; pelo contrário, ela parecia somente ter evitado expor-se, à semelhança da dobra de uma cortina que não fica desbotada porque nunca vê o Sol.

Perguntei-lhe com que frequência ia à Suécia.

Muito raramente, replicou. Falava às vezes em sueco com a Ella, mas de resto os seus elos com o passado eram poucos. O marido — o pai de Ella — era inglês e, como haviam casado tão novos, quase tinha a sensação de que a Suécia representava a infância, ao passo que a Inglaterra constituía o cenário da sua vida adulta. O pai ainda lá vivia, e alguns dos seus irmãos — tinha havido cinco filhos na família —, mas o seu horário de trabalho era tão apertado que não lhe permitia muito tempo para visitas à família. Se ela e Jonathan tiravam uns dias para descansar, preferiam ir para lugares quentes e exóticos — para a Tailândia ou para a Índia —, embora, evidentemente, agora que tinham a Ella, essas viagens tornaram-se impraticáveis. Mas a verdade é que também não gostava de ser lembrada de quanto a família mudara: preferia recordar a sua infância da maneira como ela tinha sido.

Do outro lado da sala tinha surgido alguma desavença entre as crianças. Um dos filhos de Eloise estava a chorar; o outro estava engalfinhado com a filha de Lawrence, lutando pela posse de um brinquedo que se desfez quando se puseram a puxar por ele, cada um para seu lado, de tal maneira que a filha de Lawrence caiu para trás e pôs-se também a chorar. A filha de Birgid começou a bater no rapaz mais velho com a sua varinha de condão de plástico, para o castigar. A rapariga de vestido vermelho permanecia impassível na sua cadeira, observando a cena com uns olhos arregalados na face inexpressiva.